

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO**

PAULO JÚNIOR MELO DA LUZ

**ENTRE OCEANOS E FLORESTAS:
LEITURAS CRÍTICAS DE *POCAHONTAS* E *MOANA* NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE**

**São Borja
2025**

PAULO JÚNIOR MELO DA LUZ

**ENTRE OCEANOS E FLORESTAS:
LEITURAS CRÍTICAS DE *POCAHONTAS* E *MOANA* NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Mídia e Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Lazzaris

**São Borja
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

L979ee Júnior Melo da Luz, Paulo

Entre oceanos e florestas: leituras críticas de Pocahontas e Moana na educação bilíngue / Paulo Júnior Melo da Luz. — São Borja: Universidade Federal do Pampa, 2025.

24f.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Mídia e Educação) — Universidade Federal do Pampa: São Borja, 2025.

Orientador(a): Dra. Fabiane Lazzaris

1. Educação bilíngue. 2. Cinema infantil. 3. Identidade cultural indígena. 4. Representações midiáticas.

PAULO JÚNIOR MELO DA LUZ

**ENTRE OCEANOS E FLORESTAS:
LEITURAS CRÍTICAS DE *POCAHONTAS* E *MOANA* NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Mídias e Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídias e Educação.

Área de concentração: Mídias e Educação


Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 28/11/2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Fabiane Lazzaris

Orientadora

(Unipampa)

 Documento assinado digitalmente
ANDERSON MARTINS PEREIRA
Data: 17/12/2025 16:41:04-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

 Documento assinado digitalmente
FABIANE LAZZARIS
Data: 12/12/2025 14:14:46-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Ânderson Martins Pereira

(IF-Farroupilha)

 Documento assinado digitalmente
FLAVIA AZAMBUJA ALVES
Data: 12/12/2025 14:45:24-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Me. Flávia Azambuja

(E.M.E.F Dr. João Severiano da Fonseca Bagé/RS)

ENTRE OCEANOS E FLORESTAS: LEITURAS CRÍTICAS DE *POCAHONTAS* E *MOANA* NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Resumo

Este artigo analisa, sob uma perspectiva teórico-crítica e educacional, o potencial dos filmes *Pocahontas* (1995) e *Moana* (2016) para a construção do pensamento crítico sobre identidades culturais indígenas por crianças bilíngues do 1º ano da educação básica em uma escola pública municipal. A pesquisa, de natureza bibliográfica e qualitativa, articula contribuições de autores das áreas da Educação, Comunicação e pensamento indígena, incluindo Paulo Freire, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa Yanomami, Luciana Brentano, Ingrid Finger e Ismar de Oliveira Soares, entre outros. São problematizadas as representações indígenas presentes nos filmes, que, apesar de promoverem protagonismo indígena nas narrativas, carregam estereótipos e visões coloniais, exigindo mediação crítica em sala de aula. A análise evidencia que, quando mediadas pedagogicamente, as produções audiovisuais podem ser utilizadas como textos culturais, integrando alfabetização bilíngue, reflexão crítica e valorização da diversidade cultural. O artigo ainda discute a relevância da comunicação para a formação de sujeitos críticos, capazes de ler o mundo e a mídia de maneira dialógica e intercultural. Ressalta-se, ainda, a importância da experiência do pesquisador-autor como professor de turmas bilíngues, que possibilita um olhar situado sobre as práticas educativas. Como resultado, conclui-se que filmes infantis, ao serem inseridos com intencionalidade pedagógica e reflexão crítica, constituem oportunidades de aprendizagem significativa e decolonial, fortalecendo a consciência cultural, o bilinguismo inicial e a formação de cidadãos críticos e sensíveis às identidades indígenas.

Palavras-chave: Educação bilíngue; Cinema infantil; Identidade cultural indígena; Representações midiáticas.

Abstract

This article analyzes, from a theoretical-critical and educational perspective, the potential of the films *Pocahontas* (1995) and *Moana* (2016) for fostering critical thinking about Indigenous cultural identities among bilingual first-grade students in a municipal public school. The research, bibliographical and qualitative in nature,

articulates contributions from authors in the fields of Education, Educommunication, and Indigenous thought, including Paulo Freire, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa Yanomami, Luciana Brentano, Ingrid Finger, and Ismar de Oliveira Soares, among others. The study problematizes the Indigenous representations present in the films, which, although promoting Indigenous protagonism in the narratives, carry stereotypes and colonial perspectives, requiring critical mediation in the classroom. The analysis shows that, when pedagogically mediated, these audiovisual productions can be used as cultural texts, integrating bilingual literacy, critical reflection, and appreciation of cultural diversity. The article also discusses the relevance of educommunication for the formation of critical subjects, capable of reading both the world and media in a dialogical and intercultural manner. Additionally, the author's experience as a teacher of bilingual classes is highlighted, providing a situated perspective on educational practices. As a result, it is concluded that children's films, when used with pedagogical intentionality and critical reflection, constitute opportunities for meaningful and decolonial learning, strengthening cultural awareness, early bilingualism, and the formation of critical citizens sensitive to Indigenous identities.

Keywords: Bilingual education; Children's cinema; Indigenous cultural identity; Media representations.

1 INTRODUÇÃO

Os filmes de animação *Pocahontas* (1995) e *Moana* (2016), produzidos pelos estúdios *Disney*, apresentam narrativas centradas em protagonistas femininas indígenas e são destinados especialmente ao público infantil, inclusive no contexto escolar através de materiais educativos e recursos pedagógicos. No entanto, essas produções, ao mesmo tempo que trazem representações de povos originários, também carregam marcas coloniais e estereotipadas que influenciam a forma como as crianças percebem as identidades indígenas.

Embora *Pocahontas* e *Moana* ocupem posições distintas dentro da história da *Disney*, sendo *Pocahontas* oficialmente reconhecida como a 7ª princesa da franquia e *Moana* como a 12ª, ambas desempenham papel central na constituição do imaginário infantil contemporâneo. A designação de "princesa", apesar de *Moana*

afirmar explicitamente no filme que não o é, funciona menos como categoria narrativa e mais como marca cultural e mercadológica, capaz de projetar modelos de feminilidade, heroísmo e pertencimento.

O impacto dessa identificação é profundo: crianças aprendem, desde cedo, a reconhecer valores, comportamentos e identidades a partir das figuras midiáticas que consomem, especialmente as princesas da *Disney*, cuja presença se estende para livros, brinquedos, roupas e redes sociais. No entanto, tanto *Pocahontas* quanto *Moana* tensionam o arquétipo tradicional da princesa passiva: são protagonistas indígenas, próximas da natureza, guiadas pelos saberes de seus povos e engajadas em decisões que envolvem coletividade e responsabilidade ambiental.

Essa ruptura abre espaço para que a escola, sob uma perspectiva decolonial, problematize como e por que essas personagens são representadas, discutindo com as crianças os efeitos dessas imagens na construção da identidade: quem pode ser vista como heroína, quais culturas são valorizadas ou simplificadas, e como a mídia molda referências de beleza, força e poder. Assim, ao analisar criticamente a figura das princesas indígenas da *Disney*, promove-se uma formação identitária mais consciente, permitindo que as crianças reconheçam a diversidade como parte constitutiva da experiência humana e percebam que representações midiáticas nunca são neutras, mas carregam visões de mundo que precisam ser interrogadas.

A partir dessas constatações, emerge o problema que orienta este estudo: como os filmes *Pocahontas* e *Moana* podem auxiliar na construção do pensamento crítico sobre os povos indígenas por crianças em processo de alfabetização bilíngue do 1º ano da educação básica em uma escola pública municipal?

Com base nessa questão, este artigo propõe refletir sobre o potencial crítico e educativo dos filmes quando mediados pedagogicamente em contextos bilíngues, considerando-os como textos culturais que articulam linguagem e identidade. A pesquisa situa-se na intersecção entre Educação, Comunicação e Estudos Decoloniais, dialogando com autores que abordam as relações entre mídia, infância e formação crítica, como Paulo Freire (1996), Ismar de Oliveira Soares (2011), Alberto Efendy Maldonado (2022), Jiani Adriana Bonin (2018), Nísia Martins do Rosário (2018) e Lisiane Aguiar (2017).

Ao problematizar as representações indígenas nas mídias, o estudo também se utiliza das vozes de pensadores indígenas contemporâneos, como Ailton Krenak (2019), Daniel Munduruku (2017) e Davi Kopenawa Yanomami (2015), que denunciam

a permanência de uma visão colonizadora sobre os povos originários e defendem a necessidade de um diálogo intercultural baseado no respeito à diferença e à pluralidade dos modos de existir. A leitura dessas vozes, em diálogo com os filmes, permite compreender que o audiovisual pode tanto reforçar estereótipos quanto se tornar um espaço de (re)existência simbólica quando inserido criticamente no campo da educação.

Além disso, a discussão será atravessada pelos estudos sobre bilinguismo e alfabetização em língua adicional, com aportes de Luciana Brentano (2023), Ingrid Finger (2024), Janaína Weissheimer e Mailce Mota (2009), Ellen Bialystok (2001), Ioulia Kovelman, Ellen Bialystok e Laura-Ann Petite (2015). Essas pesquisadoras evidenciam que o ensino bilíngue, especialmente nos primeiros anos da educação básica, não se limita à aquisição de uma nova língua, mas implica também na formação de sujeitos críticos e interculturais, capazes de transitar entre diferentes códigos linguísticos e culturais. Dessa forma, este artigo articula perspectivas educacionais e decoloniais para analisar como o cinema pode ser um mediador de leitura crítica do mundo e de construção de identidades plurais no contexto da escola pública bilíngue.

A relevância desta pesquisa se manifesta em três dimensões principais: acadêmica, pedagógica e pessoal-profissional. Em primeiro lugar, no plano acadêmico e científico, o estudo contribui para o campo da mídia e da educação, ao propor uma leitura crítica dos filmes *Pocahontas* e *Moana* a partir das epistemologias indígenas e das teorias educacionais. Essa abordagem se alinha à perspectiva de Ismar de Oliveira Soares (2011), que compreende a educação como um campo de práticas e pesquisas voltado à autonomia, ao diálogo e à formação cidadã, e à de Maldonado (2022), que propõe uma mediação crítica entre sujeitos e mídias. Ao reunir contribuições da Educação Bilíngue e da Comunicação Educativa, a pesquisa ajuda a preencher uma lacuna de estudos que tratam das representações culturais em produções audiovisuais infantis sob o olhar decolonial e bilíngue.

Em segundo lugar, no plano pedagógico, a investigação dá subsídios teóricos para professores da educação bilíngue inicial, que frequentemente utilizam filmes em suas práticas, mas carecem de referenciais que orientem uma leitura crítica e intercultural dessas produções. Conforme defende Freire (1996), é papel da escola formar leitores críticos não apenas de textos escritos, mas também das linguagens midiáticas, desenvolvendo nas crianças a capacidade de questionar, dialogar e

reconstruir sentidos. Os resultados desta reflexão podem inspirar práticas mais conscientes e criativas, nas quais a mídia não seja apenas um suporte didático, mas um espaço de encontro entre línguas, culturas e modos de ser.

Por fim, a justificativa também se fundamenta em uma dimensão pessoal: o pesquisador-autor é professor de turmas bilíngues de 1º e 2º ano em uma escola pública municipal¹, e sua atuação cotidiana nesse contexto permitiu observar tanto o trabalho e a agência das crianças com narrativas audiovisuais quanto a ausência de debates críticos sobre as representações culturais nelas presentes. Esse envolvimento direto com o campo de pesquisa sustenta a escolha por uma investigação teórico-reflexiva, que emerge da prática e retorna a ela como contribuição. Assim, o artigo configura-se como uma forma de pesquisa engajada, conforme propõem Freire (1996) e Krenak (2019), unindo a experiência do fazer docente à construção coletiva de conhecimento.

A abordagem crítica dos filmes *Pocahontas* e *Moana*, articulada à leitura de autores indígenas e às práticas bilíngues propostas, dialoga diretamente com as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relacionadas à cidadania, especialmente no que se refere ao exercício do pensamento crítico, ao respeito à diversidade cultural e à participação responsável no mundo social. Ao promover atividades que envolvem análise de representações, confronto de perspectivas e reconhecimento das cosmologias indígenas, o trabalho contribui para o desenvolvimento das competências 1 (conhecimento), 3 (repertório cultural), 4 (comunicação), 5 (cultura digital), 6 (trabalho e projeto de vida) e, sobretudo, 9 e 10, que tratam explicitamente do exercício da empatia, da cooperação, do respeito às diferenças e da responsabilidade e cidadania.

No campo específico da alfabetização e do ensino bilíngue, as habilidades dos componentes de Língua Portuguesa, Arte e Inglês que envolvem leitura crítica de textos multimodais, compreensão de diversidade cultural e participação em práticas de diálogo² são mobilizadas quando as crianças analisam cenas, constroem

¹ A escola em questão é a Escola Municipal de Educação Básica Maria Emília de Paula, no município de Sapiranga (RS), a primeira do estado do Rio Grande do Sul a oferecer ensino bilíngue em turno integral a estudantes do Jardim Nível A até o Segundo Ano da educação básica. São 25 alunos por turma do ensino bilíngue, somando 150 integrantes do projeto. Até o momento, as turmas vão até o segundo ano na proposta bilíngue, sendo o autor professor dos 1ºs e 2ºs anos. Em síntese, os alunos possuem 50% da sua carga horária total diária (7h50 min.) em língua adicional (inglês), sendo que a professora de Língua Materna e os professores de Língua Inglesa planejam e trabalham conjuntamente em proposta de docência compartilhada.

² EF01LP07, EF15AR01, EF01LI10, entre outras.

vocabulário bilíngue e participam de rodas de conversa sobre identidades, ancestralidade e relação com a natureza. Assim, o trabalho não apenas desenvolve capacidades linguísticas e cognitivas, mas também forma sujeitos capazes de reconhecer e valorizar diferentes modos de vida, compreender relações de poder e agir de maneira ética e solidária, princípios centrais da educação cidadã prevista na BNCC.

A pesquisa, portanto, justifica-se pela sua contribuição para: (a) fortalecer o diálogo entre mídia, educação e bilinguismo; (b) promover a valorização das identidades culturais indígenas no espaço escolar; (c) oferecer uma base teórica para a formação crítica de professores e alunos da rede pública; e (d) reafirmar o papel da escola como um espaço de escuta, diálogo e transformação cultural.

Emerge, então, o objetivo geral desta pesquisa, que é: analisar, sob uma perspectiva crítica e educacional, como os filmes *Pocahontas* e *Moana* podem contribuir para a construção do pensamento crítico sobre as identidades culturais indígenas por crianças bilíngues do 1º ano da educação básica em uma escola pública, considerando suas potencialidades teóricas, pedagógicas e comunicacionais.

Quanto aos objetivos específicos, intenciona-se: 1) Discutir os conceitos de identidade cultural indígena, estereótipo, bilinguismo e educação a partir de aportes teóricos, estabelecendo um diálogo crítico entre educação e comunicação; 2) Desenvolver uma análise bibliográfica e interpretativa das representações indígenas presentes nos filmes *Pocahontas* e *Moana*, articulando-as com perspectivas críticas do ensino bilíngue e da mediação pedagógica no contexto da educação pública municipal; e 3) Propor reflexões e possibilidades teórico-metodológicas para o uso de filmes e mídias na educação bilíngue de crianças do 1º ano, contribuindo para o fortalecimento de práticas educacionais que promovam consciência crítica, valorização da diversidade e diálogo intercultural.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo tem como objetivo fundamentar teoricamente a análise das representações indígenas nos filmes *Pocahontas* (1995) e *Moana* (2016), articulando conceitos de identidade cultural indígena, estereótipo, alfabetização bilíngue e educação. A discussão se apoia em autores das áreas de Educação e Comunicação, como Paulo Freire (1996), Ismar de Oliveira Soares (2011) e Alberto

Efendy Maldonado (2022), que enfatizam a formação crítica e dialógica de sujeitos, bem como no pensamento decolonial e nas epistemologias indígenas, representadas por Ailton Krenak (2019), Daniel Munduruku (2017) e Davi Kopenawa Yanomami (2015).

Além disso, o capítulo incorpora estudos sobre bilinguismo e desenvolvimento cognitivo, com contribuições de Luciana Brentano (2023), Ingrid Finger (2024), Ioulia Kovelman, Ellen Bialystok e Laura-Ann Petito (2015), buscando compreender como a mediação pedagógica de mídias cinematográficas pode articular alfabetização em língua adicional e reflexão crítica sobre culturas indígenas.

A análise proposta se orienta por uma perspectiva interpretativa e crítica, considerando os filmes não apenas como objetos de entretenimento, mas como textos culturais que dialogam com práticas educativas e com a construção de identidades interculturais. Nesse sentido, o capítulo teórico organiza-se em subtemas que abordam: (a) identidades e representações indígenas; (b) estereótipos e desafios nas mídias; (c) bilinguismo e alfabetização; e (d) educomunicação e práticas pedagógicas mediadas por filmes.

2.1 Identidades culturais indígenas e a desconstrução de estereótipos na infância

A discussão sobre identidades culturais indígenas no contexto da educação básica exige reconhecer que a infância é atravessada por narrativas midiáticas que moldam percepções sobre “o outro”. Stuart Hall (2006) lembra que a identidade cultural é um processo em permanente construção, negociada por meio de representações e discursos. No caso das populações indígenas, essas representações têm sido marcadas historicamente por olhares coloniais, que transformam diferenças culturais em estereótipos fixos (SILVA, 2000; LIPPMANN, 2008).

A crítica indígena contemporânea, representada por autores como Ailton Krenak (2019), Daniel Munduruku (2017) e Davi Kopenawa Yanomami (2015), desloca o olhar sobre o que significa “ser indígena”, reivindicando o direito de falar em primeira pessoa e de redefinir suas próprias cosmologias. Para Krenak (2019), a identidade não se limita à etnicidade, mas envolve uma relação ontológica com a terra e o coletivo. Já Kopenawa (2015) denuncia a “cegueira” do pensamento ocidental

frente à sabedoria da floresta, mostrando que as epistemologias indígenas se opõem à lógica da exploração.

Na escola, esse debate precisa emergir desde a educação infantil e os anos iniciais, para que as crianças aprendam a reconhecer os povos indígenas como sujeitos contemporâneos, diversos e produtores de conhecimento. Filmes como *Pocahontas* (1995) e *Moana* (2016), amplamente difundidos entre o público infantil, tornam-se espaços simbólicos privilegiados para discutir representações culturais, mas também exigem mediação crítica docente, uma vez que condensam visões estereotipadas de identidade, gênero e natureza.

Pocahontas (1995) narra a história de uma jovem indígena da tribo Powhatan, que se envolve com o colonizador inglês John Smith em meio ao encontro entre culturas conflitantes. O filme apresenta a protagonista como uma figura corajosa e espirituosa, ligada à natureza e à tradição de seu povo, mas simultaneamente simplifica e romantiza o contexto histórico da colonização, incorporando estereótipos sobre o indígena “nobre e sábio” e uma idealização da vida em harmonia com a natureza.

Já *Moana* (2016), embora se situe na Polinésia e não em contextos estadunidenses, traz uma narrativa sobre uma jovem indígena que parte em uma jornada marítima para salvar sua comunidade e compreender sua própria identidade cultural. A produção enfatiza o protagonismo feminino, a relação com os elementos naturais e a preservação de tradições ancestrais, mas também apresenta imagens simplificadas de culturas complexas, sugerindo uma uniformização de valores e crenças indígenas que exige leitura crítica.

Assim, o uso pedagógico desses filmes não deve buscar apenas “ensinar sobre indígenas”, mas estimular a leitura crítica das narrativas midiáticas, compreendendo-as como construções culturais que podem ser reinterpretadas a partir de perspectivas indígenas. Nesse sentido, o papel do educador aproxima-se da pedagogia crítica de Paulo Freire (1996), que defende uma educação dialógica, problematizadora e comprometida com a libertação dos sujeitos.

2.2 Educação bilíngue e alfabetização crítica em língua adicional

O ensino bilíngue nos anos iniciais da educação básica vem sendo cada vez mais discutido como um campo que ultrapassa a simples aquisição linguística e se

afirma como espaço de construção identitária. Luciana Brentano (2023) e Ingrid Finger (2024) destacam que o bilinguismo na escola pública pode constituir um território de práticas translíngues, nas quais as crianças constroem sentidos entre línguas, culturas e saberes locais. Essa visão dialoga com García e Wei (2014), que compreendem o *translanguaging* como um movimento de agência linguística que rompe fronteiras e amplia repertórios culturais.

As pesquisas de Janaína Weissheimer e Mailce Mota (2009), Ioulia Kovelman, Ellen Bialystok e Laura-Ann Petito (2015), no campo da neuroeducação e da aquisição bilíngue, indicam que o contato com múltiplas línguas desde cedo estimula a flexibilidade cognitiva, a atenção seletiva e a criatividade verbal. Essas descobertas reforçam o valor pedagógico de ambientes bilíngues lúdicos, nos quais o uso de filmes, músicas e narrativas pode favorecer tanto a alfabetização quanto o desenvolvimento crítico e emocional.

Contudo, existe a necessidade de uma abordagem ética e socialmente engajada do bilinguismo. Em contextos de desigualdade, o ensino bilíngue não pode se limitar a reproduzir modelos elitizados, mas deve promover inclusão, interculturalidade e criticidade. Ao trabalhar com filmes como *Pocahontas* e *Moana*, o professor bilíngue tem a oportunidade de desenvolver práticas em que o inglês não seja apenas um meio de comunicação global, mas uma ferramenta para compreender as relações coloniais e culturais entre o Norte e o Sul global.

Nesse sentido, o aprendizado de vocabulário, a escuta ativa e a leitura de imagens podem ser articulados com discussões sobre identidade, território e ancestralidade, transformando o letramento bilíngue em instrumento de consciência cultural (BIALYSTOK, 2001; FINGER, 2024; BRENTANO, 2023).

2.3 Educomunicação e mediação crítica do cinema na escola

A mediação crítica de filmes em contextos educativos aproxima-se da perspectiva da Educomunicação, campo consolidado por Ismar de Oliveira Soares (2011), que propõe integrar comunicação, educação e cultura na formação cidadã. A educomunicação entende a mídia não apenas como veículo de informação, mas como linguagem e espaço de produção de sentidos. Assim, trabalhar filmes na escola significa criar situações em que as crianças não sejam apenas espectadoras, mas produtoras e intérpretes de mensagens.

Autores como Alberto Efendy Maldonado (2022) e Jiani Adriana Bonin (2018) enfatizam que a transmetodologia, em relação com a educomunicação, busca desenvolver autonomia crítica e protagonismo do espectador diante das mídias. Já Nísia Martins do Rosário (2018) e Lisiane Aguiar (2017) discutem como o cinema pode atuar como dispositivo de leitura de mundo, ao articular experiências estéticas e narrativas sociais.

Nessa perspectiva, o uso de filmes como *Pocahontas* e *Moana* em turmas bilíngues de 1º ano pode ser compreendido como uma prática educacional, na medida em que integra linguagem audiovisual, alfabetização e reflexão ética. As propostas pedagógicas possíveis, como a reencenação e diálogos com uso de vocabulários dos filmes, por exemplo, não são fins em si, mas meios de desenvolver sensibilidade estética, consciência ambiental e valorização da diversidade cultural.

Ao mobilizar essas práticas, o professor atua como mediador (FREIRE, 1996), promovendo situações em que o aprendizado da língua adicional se articula com a leitura crítica das representações midiáticas. A escola, assim, deixa de ser apenas reprodutora de significados culturais e passa a ser espaço de reelaboração simbólica e intercultural.

2.4 Articulação entre cultura, linguagem e comunicação

A integração entre cultura, linguagem e comunicação no processo de ensino-aprendizagem exige compreender o cinema e a mídia como linguagens, e não como simples instrumentos de ilustração curricular. Segundo Soares (2011), a educomunicação transforma a sala de aula em um espaço de diálogo entre saberes, permitindo que a criança seja sujeita ativa no processo de construção de significados.

Essa perspectiva converge com a visão de Freire (1996), para quem ensinar é um ato político que implica compromisso com a libertação do outro. O educador crítico é aquele que convida seus alunos a “lerem o mundo” antes de lerem a palavra. O cinema, como texto multimodal, é potente para esse exercício.

Ao abordar filmes que representam povos indígenas, o professor bilíngue pode criar mediações que problematizem colonialidades e valorizem a pluralidade das culturas ameríndias. As vozes de Krenak (2019), Munduruku (2017) e Kopenawa (2015) convocam a escola a reconhecer que aprender sobre os povos originários é também reaprender a olhar para o mundo e suas relações. A alfabetização bilíngue,

nesse contexto, transforma-se em uma prática de resistência cultural e de reencantamento da linguagem.

O diálogo entre as perspectivas da educação bilíngue, da educomunicação e do pensamento indígena revela que os filmes *Pocahontas* e *Moana* podem ser compreendidos não como meros produtos culturais, mas como textos pedagógicos a serem ressignificados. A análise crítica dessas obras, mediada por uma abordagem dialógica e intercultural, possibilita práticas que unam letramento, reflexão e criatividade sem cair em abordagens apenas folclóricas.

As experiências pedagógicas possíveis a partir do filme devem ser vistas como estratégias educacionais que materializam conceitos e valores, ao mesmo tempo em que favorecem o desenvolvimento linguístico e o pensamento crítico.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como teórica, qualitativa e bibliográfica, de caráter interpretativo e crítico, fundamentada nas áreas da Educação, da Linguística Aplicada e da Educomunicação. O estudo busca compreender, por meio da análise teórica, como os filmes *Pocahontas* (1995) e *Moana* (2016) podem ser mobilizados como recursos midiáticos e culturais no processo de formação crítica de crianças bilíngues do 1º ano da educação básica, especialmente na construção de reflexões sobre as identidades culturais indígenas.

De acordo com Gil (2019), a pesquisa bibliográfica consiste no exame sistemático de produções já existentes sobre determinado tema, permitindo o aprofundamento conceitual e o estabelecimento de novas articulações teóricas. Nesse sentido, a metodologia aqui adotada se apoia na leitura, análise e interpretação de textos científicos que tratam dos seguintes eixos: (a) identidades e representações indígena; (b) bilinguismo e alfabetização em língua adicional; (c) educomunicação; (d) análise crítica de produtos midiáticos no contexto educacional.

A abordagem qualitativa é escolhida por considerar, conforme Minayo (2014), a complexidade e a subjetividade dos fenômenos educativos e culturais. Busca-se compreender os sentidos e as relações construídas entre mídia, educação e identidades. Assim, os filmes *Pocahontas* e *Moana* não são tomados como objetos a serem avaliados pela fidelidade histórica, mas como textos culturais que articulam discursos, representações e ideologias, conforme propõem Stuart Hall (2006) e Jiani

Adriana Bonin (2018) em suas discussões sobre a mediação entre cultura e comunicação.

3.1. Fundamentação teórica e seleção do corpus

O *corpus* de análise é composto pelos filmes *Pocahontas* e *Moana* e foi selecionado por sua relevância simbólica e pela recorrência no contexto escolar como materiais de entretenimento e recursos didáticos. Ambos os filmes foram produzidos pelos estúdios *Disney* e apresentam personagens femininas indígenas em papéis de protagonismo. Essa escolha visa problematizar os modos como a indústria cultural representa povos originários e como tais representações podem, em contexto educativo, ser ressignificadas criticamente.

A leitura teórica apoia-se em autores indígenas e aliados que discutem a colonialidade das representações e a necessidade de reconstrução das narrativas. Ailton Krenak (2019), Daniel Munduruku (2017) e Davi Kopenawa Yanomami (2015) oferecem perspectivas decoloniais e cosmológicas que desestabilizam o olhar ocidental sobre o indígena. Suas vozes são mobilizadas para questionar a forma como o cinema *mainstream* traduz, reduz ou exotiza identidades coletivas, mas também para apontar caminhos de reexistência e diálogo intercultural.

3.2. Procedimentos metodológicos

O percurso metodológico envolve três movimentos interdependentes:

Levantamento e revisão teórica: consulta e análise de artigos, dissertações e livros de autores nacionais e internacionais que tratam dos campos da educomunicação, bilinguismo e representações culturais. Destacam-se os trabalhos de Luciana Brentano (2023), Ingrid Finger (2024), Janaína Weissheimer e Mailce Mota (2009), Ioulia Kovelman, Ellen Bialystok e Laura-Ann Petite (2015), que discutem a formação bilíngue e suas implicações cognitivas, sociais e pedagógicas.

Análise dos filmes: leitura crítica dos enredos, personagens e contextos simbólicos das obras, observando os modos de representações dos povos indígenas e as possíveis mediações com o campo educacional. A análise baseia-se nos princípios freireanos de leitura de mundo e diálogo (Freire, 1996), articulando-se à

concepção de mídia-educação proposta por Ismar de Oliveira Soares (2011) e Alberto Efendy Maldonado (2022), para quem a comunicação é também um espaço formativo.

Síntese teórico-metodológica: integração entre os referenciais analisados, com vistas a produzir reflexões e proposições sobre o potencial educativo das mídias cinematográficas na educação bilíngue inicial. Essa síntese visa contribuir com o campo da mídia e educação, conforme discutido por Nísia Martins do Rosário (2018) e Lisiane Aguiar (2017), propondo uma abordagem crítica, intercultural e criativa que supere o uso instrumental dos filmes em sala de aula.

3.3. Perspectiva ética e epistemológica

A pesquisa se ancora em uma ética de respeito à diversidade e à multiplicidade epistêmica, reconhecendo, com Maldonado (2022) e Krenak (2019), que o conhecimento é plural e que as vozes indígenas precisam ocupar um lugar central na produção científica e educacional. Assim, evita-se uma postura de fala “sobre” os povos indígenas, buscando construir uma reflexão “com” eles, em diálogo com seus modos próprios de narrar o mundo e de compreender a natureza, a linguagem e a vida.

Ao adotar essa postura, o estudo aproxima-se de uma epistemologia decolonial, conforme defendem Mignolo e Walsh (2018), o que implica reconhecer a colonialidade do saber e propor práticas pedagógicas que favoreçam o pensamento crítico, a escuta e o diálogo intercultural.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise de produções audiovisuais no contexto da educação bilíngue e intercultural permite compreender como os discursos midiáticos constroem representações sobre povos, culturas e identidades. Filmes de animação como *Pocahontas* (1995) e *Moana* (2016) trazem protagonismo feminino e indígena, mas também reproduzem visões coloniais e estereótipos culturais. No espaço escolar, tais obras podem ser ressignificadas pedagogicamente, desde que o educador atue como mediador crítico, promovendo o diálogo entre o imaginário midiático e as experiências culturais reais das crianças (SOARES, 2011; MALDONADO, 2022). As atividades propostas nesse artigo se voltam à alfabetização e ao letramento midiático,

considerando esse um dos eixos principais do primeiro ano da educação básica, mas também levando em conta as possibilidades interdisciplinares e interculturais da combinação entre mídia e educação.

A leitura crítica de *Pocahontas* revela uma narrativa marcada pelo confronto simbólico entre a indígena e o colonizador³. Em uma das cenas mais emblemáticas, já no final do filme, Pocahontas impede a execução de John Smith (o invasor inglês), posicionando-se entre ele e seu pai (o guerreiro Powhatan). O gesto, interpretado muitas vezes como símbolo de amor e conciliação, pode ser relido criticamente como expressão da resistência e da autonomia indígena frente à violência colonial. A cena evidencia o embate entre duas cosmovisões: a do respeito à terra e ao coletivo versus a da dominação e da exploração, oferecendo uma oportunidade de mediação pedagógica.

Em sala de aula, essa sequência pode inspirar uma atividade de leitura de imagem e reinterpretação narrativa, em que os alunos do primeiro ano identifiquem sentimentos e ações dos personagens, associando palavras bilíngues feitas com imagens em cartões de exemplo (*flashcards*) mostrando as palavras abaixo (*peace, land, love, people, forest*). A partir desse exercício, as crianças podem fazer um movimento corporal (*body movement*) recriando as cenas por interpretação ou fazendo desenhos com pequenas frases que expressem o ponto de vista da protagonista. Essa prática possibilita o desenvolvimento da consciência crítica e da empatia intercultural, reconhecendo o indígena como sujeito histórico e contemporâneo.

Já em *Moana*, uma cena representativa ocorre quando a jovem decide atravessar o oceano para restaurar o equilíbrio do mundo natural. Guiada pelos ensinamentos de seus ancestrais, Moana desafia tanto a autoridade de Maui, símbolo do herói e do poder individual, quanto as restrições impostas pela própria comunidade. O confronto entre as duas figuras revela tensões entre saberes comunitários e discursos de poder, permitindo refletir sobre a diversidade de modos de ser e de conhecer. A partir dessa cena, pode-se propor uma atividade de alfabetização bilíngue que articule vocabulário e leitura crítica: após assistir ao trecho, as crianças exploram palavras-chave (*sea, island, hero, ancestors, nature*) e criam um mural bilíngue com

³ Importa ressaltar que Pocahontas realmente existiu e seu filme é baseado em uma história real, que envolve violência colonial, sequestro e apagamento cultural, temas inadequados para crianças pequenas, razão pela qual o trabalho com sua figura concentrou-se na leitura cultural da animação e não na narrativa histórica original, que pode ser abordada em etapas posteriores da escolarização.

imagens e palavras, participando, posteriormente, de uma roda de conversa sobre o que é ser herói em diferentes culturas (quem eles definiriam como herói ou heroína a partir das características de Moana e Maui) A ideia é não direcionar as reflexões, mas deixar que as crianças digam quais características acreditam ser mais importantes a partir da história (*kindness, respect, love, etc.*). Essa prática favorece o letramento linguístico e simbólico, promovendo a leitura crítica de estereótipos e o reconhecimento da diversidade como valor educativo.

A análise comparativa das duas obras evidencia que, embora ambas promovam representações de protagonismo indígena e feminino, também reproduzem a lógica do olhar eurocêntrico e colonizador, o que reforça a necessidade de uma mediação freireana: dialógica, contextual e libertadora (FREIRE, 1996). Nessa perspectiva, o cinema infantil torna-se um instrumento de educomunicação crítica, em que o educador propõe leituras de mundo e da mídia, transformando o consumo passivo em experiência de aprendizagem decolonial. Ao integrar práticas bilíngues e discussões culturais, o trabalho com temáticas indígenas amplia o repertório simbólico das crianças e contribui para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e interculturais.

A leitura dos filmes *Pocahontas* (1995) e *Moana* (2016) torna-se mais potente quando atravessada pelas vozes de pensadores indígenas contemporâneos, cujas reflexões desconstruem as imagens coloniais cristalizadas sobre seus povos. Autores como Ailton Krenak (2019), Daniel Munduruku (2017) e Davi Kopenawa Yanomami (2015) denunciam o modo como a sociedade ocidental produz representações homogeneizadoras dos povos originários, reduzindo-os a figuras míticas, ingênuas ou portadoras de uma espiritualidade “exótica”. Ler essas animações à luz desses pensadores nos permite deslocar o olhar: da narrativa que *Disney* apresenta para a narrativa que os povos indígenas produzem sobre si mesmos.

Uma das cenas mais emblemáticas do filme é o encontro entre Pocahontas e John Smith, em que a jovem indígena, apresentada como portadora de uma sabedoria quase sobrenatural, ensina ao colonizador a “ouvir a floresta” e perceber a unidade entre os seres vivos. Esse enquadramento aproxima a personagem de um estereótipo apontado por Munduruku (2017): a ideia do “índio-mítico”, sábio e espiritualizado, mas destituído de historicidade e agência política. Para o autor, esse tipo de representação “aprisiona o indígena em um lugar de fantasia, impedindo que seja reconhecido como sujeito contemporâneo”.

Por outro lado, quando Pocahontas confronta os colonizadores diante da guerra iminente e afirma que “a terra também tem espírito”, há uma ressonância com a noção apresentada por Ailton Krenak (2019) do “sonho da terra”, que afirma o pertencimento humano à natureza e critica a separação moderna entre cultura e ambiente. A cena, contudo, romantiza essa relação, transformando-a em atributo individual da personagem e não de um povo com cosmologia própria.

A leitura crítica proposta por autores indígenas evidencia como o filme suaviza a violência colonial. Kopenawa (2015) denuncia o modo como narrativas ocidentais frequentemente encobrem o sofrimento indígena para torná-lo “palatável”. Em Pocahontas, a colonização é reduzida a conflitos morais individuais, apagando extermínios, invasões territoriais e imposições culturais. Assim, uma atividade pedagógica pode convidar as crianças a comparar o que o filme mostra com o que autores indígenas narram, ampliando a percepção intercultural desde cedo.

Em *Moana*, cenas que apresentam a jovem protagonista em diálogo com o oceano mostram um vínculo espiritual com a natureza que ecoa concepções cosmológicas indígenas, mas novamente de maneira estetizada e homogeneizada. A cena em que Moana enfrenta Te Kā, apenas para descobrir que a deusa enfurecida é, na verdade, Te Fiti (a terra ferida) pode ser lida à luz da crítica de Krenak (2019) à ideia de “natureza como recurso”. No filme, a restauração da ilha depende de reconhecer a terra como um ser vivo e agente, perspectiva central na cosmologia de muitos povos indígenas, inclusive os Yanomami, descrita por Kopenawa.

No entanto, o filme também reproduz uma narrativa de heroísmo individual que contrasta com a visão de coletividade enfatizada por Munduruku. Em sua obra, o autor afirma que os povos indígenas não constroem suas histórias a partir de indivíduos excepcionais, mas de ancestralidade, comunidade e continuidade. Moana, embora represente valores comunitários, é moldada pela lógica ocidental do “escolhido”, do “destino especial”, o que simplifica as formas de liderança indígena.

Ainda assim, muitas cenas permitem construir pontes pedagógicas férteis. A sequência em que Moana descobre que seu povo era navegante, mas perdeu sua memória ancestral, dialoga diretamente com a crítica de Catherine Walsh (2018) à colonialidade, que atua apagando epistemologias originárias. Usar esse trecho com crianças permite discutir, de forma sensível, como os conhecimentos indígenas são frequentemente invisibilizados e como podem ser reativados na escola.

Filmes como *Pocahontas* (1995) e *Moana* (2016) podem contribuir, sob uma perspectiva crítica e educacional, para a formação do pensamento crítico sobre as identidades culturais indígenas por crianças bilíngues do 1º ano da educação básica. A pesquisa, de natureza teórica e bibliográfica, permitiu articular os campos da educação bilíngue, da comunicação e da reflexão decolonial sobre as representações indígenas em produtos midiáticos voltados à infância.

A respeito da seleção das cenas analisadas em *Pocahontas* e *Moana*, ela não é arbitrária, mas fundamentada na centralidade simbólica que esses momentos ocupam dentro das narrativas. Optou-se por trabalhar justamente com as sequências em que as protagonistas enfrentam conflitos decisivos (a cena em que Pocahontas intervém diante da execução de John Smith e a cena em que Moana decide atravessar o oceano para restaurar a vida da ilha) porque elas condensam os principais tensionamentos presentes nos filmes: a disputa entre cosmovisões, o choque entre colonialidade e ancestralidade, a romantização da relação com a natureza e a construção de heroísmos individualizados. Essas cenas funcionam como “nódulos narrativos”, isto é, pontos em que as contradições entre representação indígena e olhar colonial tornam-se mais visíveis, permitindo uma leitura crítica alinhada à perspectiva de autores indígenas contemporâneos. Além disso, por sua clareza visual, densidade simbólica e forte apelo emocional, esses trechos são particularmente adequados ao trabalho pedagógico com crianças do 1º ano, pois favorecem atividades de leitura de imagem, construção de vocabulário bilíngue e reflexão intercultural.

A partir do diálogo entre autores como Paulo Freire (1996), Ailton Krenak (2019), Daniel Munduruku (2017), Davi Kopenawa Yanomami (2015), Ismar de Oliveira Soares (2011) e Alberto Efendy Maldonado (2022), compreendeu-se que as mídias podem assumir papel transformador quando inseridas criticamente no processo educativo. Os filmes analisados não são meros instrumentos de entretenimento, mas revelam-se potentes espaços de mediação cultural e de problematização das imagens que a sociedade ocidental constrói sobre os povos indígenas. Assim, o recorte adotado revela-se pertinente para uma das propostas do artigo, de demonstrar como cenas-chave das animações podem servir como dispositivos educacionais e decoloniais, capazes de articular linguagem, cultura e crítica social dentro do contexto da alfabetização bilíngue.

A leitura crítica desses materiais, orientada pela perspectiva freireana de educação dialógica e pela concepção de mídia como espaço pedagógico, permite que

professores e alunos desenvolvam práticas de leitura de mundo que transcendem o texto fílmico. Conforme Soares (2011) e Bonin (2018), o trabalho educacional com mídias amplia a autonomia e o protagonismo discente, ao mesmo tempo em que favorece a alfabetização crítica e o uso significativo da língua adicional como ferramenta de expressão intercultural.

Do ponto de vista teórico, este artigo evidencia que os discursos audiovisuais presentes em *Pocahontas* e *Moana* carregam contradições. Por um lado, reproduzem estereótipos e idealizações coloniais que reduzem a complexidade das culturas indígenas; por outro, abrem brechas narrativas para o diálogo, a alteridade e a valorização da natureza. Indígenas são sujeitos de direitos e, conforme pensadores indígenas como Krenak e Kopenawa, eles defendem a urgência de “adiar o fim do mundo” por meio da reexistência e da imaginação coletiva.

No campo do bilinguismo e da alfabetização em língua adicional, as reflexões de Luciana Brentano (2023), Ingrid Finger (2024), Janaína Weissheimer e Mailce Mota (2009), Ioulia Kovelman, Ellen Bialystok e Laura-Ann Petito (2015) indicam que o ensino de línguas, especialmente nos primeiros anos escolares, deve estar articulado à formação crítica e à consciência intercultural. Nessa perspectiva, os filmes analisados podem ser interpretados não apenas como material linguístico, mas como textos culturais que provocam a ampliação do repertório simbólico das crianças e o reconhecimento de outras formas de ser e de estar no mundo.

Metodologicamente, o estudo demonstra a importância de pesquisas bibliográficas e teóricas como espaços de sistematização de saberes e construção de novas leituras do campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reunir contribuições de autores da educação, da comunicação e das epistemologias indígenas, esta investigação buscou fortalecer um paradigma interdisciplinar e decolonial, que valorize o diálogo entre culturas, línguas e mídias.

Como contribuição ao campo da mídia e educação, o artigo reforça a necessidade de que a escola pública se constitua como espaço de escuta, criação e reflexão sobre os discursos midiáticos que atravessam a infância. A incorporação crítica de filmes como *Pocahontas* e *Moana* pode inspirar práticas pedagógicas

sensíveis e participativas, voltadas à construção de identidades culturais plurais e à desconstrução de estereótipos que ainda persistem nas representações audiovisuais.

A leitura crítica de *Pocahontas* (1995) e *Moana* (2016) revela que ambas as obras, embora centradas em protagonistas indígenas fortes e protagonistas femininas, reproduzem simultaneamente estereótipos culturais e visões coloniais. Em *Pocahontas*, a narrativa constrói a imagem de um indígena “nobre e sábio”, em harmonia com a natureza, mas reduz a complexidade histórica da colonização e a diversidade cultural do povo Powhatan. Já *Moana*, ambientada na Polinésia, enfatiza valores comunitários e protagonismo feminino, mas uniformiza crenças e práticas de diferentes culturas, criando representações simplificadas que podem ser interpretadas como exotização ou romantização do indígena contemporâneo.

A análise desses filmes, a partir dos princípios freireanos de leitura de mundo e diálogo (FREIRE, 1996), permite compreender que eles são construções culturais que oferecem oportunidades de reflexão crítica sobre identidade, diversidade e relações de poder. Quando mediadas pedagogicamente, as narrativas podem funcionar como textos culturais, integrando alfabetização bilíngue, vocabulário, compreensão textual e discussões sobre representações simbólicas.

Sob a perspectiva de mídias-educação, conforme Soares (2011) e Maldonado (2022), os filmes tornam-se espaços formativos, nos quais o educador atua como mediador crítico, problematizando os enredos, personagens e símbolos, articulando-os com experiências culturais reais e promovendo a consciência crítica dos alunos. Assim, o cinema infantil deixa de ser apenas entretenimento e passa a ser um recurso estratégico para a formação de sujeitos críticos e interculturais, capazes de reconhecer, questionar e reinterpretar imagens midiáticas sobre os povos indígenas.

Em síntese, pensar a educação bilíngue inicial à luz da educomunicação e da crítica decolonial é reconhecer que aprender uma nova língua também é aprender a ver o mundo de outra forma. Nesse processo, as mídias tornam-se ferramentas de reexistência e diálogo, permitindo que as crianças, indígenas ou não, reconheçam-se como parte de um tecido cultural maior, diverso e em constante transformação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lisiane Machado. *Normalizações do saber-poder metodológico no campo da comunicação: por um método da diferença nos processos institucionais de produção de conhecimento científico*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10183/158509>

BIALYSTOK, Ellen. *Bilingualism in development: language, literacy, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BONIN, Jiani Adriana. *Dos meios às mediações: chaves epistêmicas, teóricas e metodológicas legadas à pesquisa de recepção*. *Intexto*, n. 43, set./dez. 2018, p. 59-73. DOI: 10.19132/1807-8583201843.59-73. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/81094>

BRENTANO, Luciana de Souza. *Criação de um framework de modelos de escolarização bilíngue para o contexto brasileiro, com base em evidências e à luz da psicolinguística do bilinguismo*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10183/278764>. Acesso em: 15 out. 2025.

FINGER, Ingrid. *Bilinguismo, biliteracia e alfabetização bilíngue*. Porto Alegre: UFRGS, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, Ofelia; WEI, Li. *Translanguaging: language, bilingualism and education*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro (org.). 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (título original: *La chute du ciel: paroles d'un chaman yanomami*). Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOVELMAN, Ioulia; BIALYSTOK, Ellen; PETITO, Laura-Ann. Bilingualism and cognitive development: perspectives from neuroscience. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 35, p. 234–256, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIPPMANN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MALDONADO, Alberto Efendy. Cidadania comunieducativa e transmetodologia: a investigação crítica necessária em conjunturas autoritárias. *Comunicação & Educação*, v. 27, n. 1, p. 5-14, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v27i1p5-14. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/175991>

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas, 2012.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 19, n. 45, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

WALSH, Catherine. Capítulo: "Interculturalidade e colonialidade do poder: um pensamento crítico latino-americano". In: MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine (org.). *Pensamento decolonial: a crítica à modernidade e o nascimento de um outro mundo*. São Paulo: Autêntica, 2018.

WEISSHEIMER, Janaína; MOTA, Mailce B. *Individual Differences in Working Memory Capacity and the Development of L2 Speech Production*. *Issues in Applied Linguistics*, v. 17, n. 2, p. 93-112, 2009.